

EXISTÊNCIA E SENTIDO: A LOGOTERAPIA COMO UMA GENUÍNA PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

EXISTENCE AND MEANING: THE LOGOTHERAPY AS A GENUINE EXISTENCIAL-PHENOMENOLOGICAL PSYCHOTHERAPY

Valdir Barbosa Lima Neto

Instituto Sherpa - CE

Resumo. Este trabalho tem como principal intuito apresentar a logoterapia e a análise existencial como uma legítima psicoterapia fenomenológico-existencial a partir da exposição de seus principais fundamentos epistemológicos, teóricos e metodológicos, bem como da antropologia e da ontologia defendida por Viktor Frankl, criador da abordagem. Inicialmente será apresentada uma breve introdução sobre a fenomenologia-existencial enquanto fundamentos metodológicos e teóricos, que embasam as abordagens psicoterápicas existenciais e as psicologias compreensivas. Em seguida, será apresentada a logoterapia, bem como suas bases epistemológicas, desde sua concepção antropológica até sua metodologia, explicitando sua proposta psicológica e relacionando seus conceitos fundamentais com seus pilares epistemológicos. Realizando o entrelaçamento da abordagem logoterápica com suas inspiração e fundamentações em pensadores da fenomenologia e da filosofia existencial. Concluindo, a partir de seu fundamento, que a proposta terapêutica e psicológica de Viktor Frankl se constitui como uma genuína forma de psicoterapia fenomenológico-existencial.

Palavras-Chaves: Logoterapia; Fenomenológico-existencial; Psicoterapias existenciais.

Abstract. This work has as main objective to present the Logotherapy and Existential Analysis as a legitimate existential-phenomenological psychotherapy from the exposure of its main epistemological, theoretical and methodological as well as anthropology and ontology advocated by Viktor Frankl, creator of the approach. Initially it will be presented a brief introduction to the existential phenomenology as the methodological foundations and theoretical approaches that underpin existential psychotherapy and psychology understanding. You will then be presented to Logotherapy and its epistemological foundations, from its conception to its anthropological methodology, explaining his psychological approach and its fundamental concepts relating to their epistemological pillars. Performing interlacing approach logoterápica with their inspiration and justification for thinkers from phenomenology and existential philosophy. In conclusion, from its foundation, the proposed therapy and psychological Viktor Frankl is constituted as a genuine form of existential-phenomenological psychotherapy.

Keywords: Logotherapy; Existential-phenomenological; Existential psychotherapy.

INTRODUÇÃO A FENOMENOLOGIA

No final do século XIX, o método positivista ascendia como a principal forma de investigação de conhecimento, obtendo grande sucesso nas ciências naturais. Grandes avanços foram observados na Física, Biologia, Geologia, entre muitos outros conhecimentos científicos que, guiados pelo “progresso” e pelo “desenvolvimento” do método positivista, alcançaram sua “maturidade” e sua “evolução”. Porém, nas ciências humanas, as chamadas ciências do espírito, a metodologia positivista acabou encontrando dificuldades e certas estranhezas do ponto de vista de alguns autores, que passaram a questionar a forma de ver o homem e de investigá-lo por meio de paradigmas de causa e efeito, entendendo o ser humano como um objeto manipulável, determinável e medido quantitativamente. Em resposta ao problema levantado por esses questionamentos, no início do século seguinte surge a Fenomenologia como um novo paradigma que se inseria nas investigações de qualquer natureza.

Por fenomenológico entende-se o método filosófico de conhecimento inaugurado no início do século XX por Edmund Husserl (2008), influenciado fortemente pelo pensamento de Franz Brentano (1973). Observando uma crise no método positivo de investigação científica, sobretudo no momento de investigar fenômenos humanos, Husserl, que inicialmente dirigia seus interesses para os estudos matemáticos, redireciona suas pesquisas para a psicologia, através do contato com as ideias de Brentano referentes à intencionalidade, as quais compreendiam consciência existindo de modo entrelaçado intrinsecamente com o mundo, em uma lógica na qual consciência e mundo apresentar-se-iam, através de uma relação mútua, como co-originais. A partir de tais concepções, pensou-se em um método no qual o fundamento do

conhecimento confirmava-se por meio de um estudo empírico da consciência (Brentano, 1973; Fonseca, 2000). Desse modo, todos os esforços filosóficos de Husserl voltaram-se para o desenvolvimento de uma metodologia de rigor que possibilitasse o conhecimento de todos os fenômenos, tanto aos que competem as ciências da natureza quanto aos focos de interesse das ciências do espírito. Posteriormente, tal método contou com outros pensadores para o seu desenvolvimento e para sua ampliação. Autores como Martin Heidegger (1989) e Max Scheler (2003) são alguns dos mais conhecidos no campo da fenomenologia, cada qual atribuindo suas especificidades à esta e desenvolvendo seu próprio pensamento filosófico.

FENOMENOLOGIA E EXISTÊNCIA

A Fenomenologia enquanto método de conhecimento filosófico universal, tal qual proposto por Husserl (2008), de forma demasiada sintética, pode ser entendida como forma de acesso ao sentido da experiência imediata. Por meio da suspensão dos pressupostos, juízos de valor e pré-conceituações (*epoché*) a respeito do “algo” a ser conhecido no momento da investigação. Permitindo que na experiência do contato direto com o objeto investigado seja desvelado o conhecimento sobre o fenômeno, conhecimento este que é produzido pela descrição e análise do sentido do fenômeno. Husserl ambicionava conhecer a essência dos fenômenos das “coisas mesmas”, porém acreditava que a existência do mundo é incompreensível: eis o motivo do seu interesse não se voltar em tentar provar a existência do mundo e das essências das coisas, mas, sim, unicamente, tentar desenvolver um método para compreender o sentido dos fenômenos (Dastur, 1989). Para Husserl, a essência, a “coisa mesma” do fenômeno, é o seu sentido (Penna, 2000).

Contudo, outros autores, inspirados pela metodologia fenomenológica, passaram a investigar

novas temáticas e um relevante interesse pela existência, que aparece como o modo de ser eminentemente humano possível de acesso por meio do contato com a experiência imediata do encontro, foi surgindo nos estudos da Fenomenologia. Tal interesse não surge por acaso, mas sim devido às peculiaridades do método fenomenológico, no qual desde a noção de intencionalidade, mostra-se em total sintonia e proximidade com a perspectiva existencial do homem e com a noção de existência. A rigor, é a própria Fenomenologia que dá as condições de possibilidades do acesso dimensão existencial humana. Uma vez que desde Heidegger, que propõe uma ontologia orientada pelo método fenomenológico, repensa-se desde as condições metodológicas da Fenomenologia, quanto de sua orientação para a qualidade existencial do ser humano, o *Dasein*. O inevitável binômio “fenomenológico-existencial” passou a ser focado enquanto a principal temática levantada por muitos outros filósofos que foram influenciados, de alguma maneira, pelas ideias de Brentano e Husserl. (Fonseca, 2000; Husserl, 2008)

Um dos principais responsáveis em focar o caráter existencial aos holofotes da fenomenologia foi Martin Heidegger (2009). Tematizando a existência e enfatizando-a na tentativa de compreender o sentido do Ser do homem, Heidegger, por meio de sua Fenomenologia Hermenêutica, constituiu o que ele autodenominou de “ontologia fundamental”. Foi um dos primeiros fenomenólogos a enfatizar o existir enquanto um ato de acontecer, um “acontecendo”. Entendendo que o homem é, enquanto esta sendo. É *dasein*, ou seja, é um ser prático, é ação em movimento, aquele que nunca está completamente terminado nem instalado, mas que *ek-sistere* (lança-se, destaca-se), portanto, que precisa acontecer para ser (Stein, 2009). Este ser existencial é marcado pelo sentido de sua temporalidade, um ser finito que se desvela e realiza no tempo, no acontecer do

presente, no desdobramento da possibilidade que ocorre no “aqui e agora”.

Max Scheler (2003) também se interessou pelo método fenomenológico, voltando seus estudos para a ética e para os valores, constituindo uma fenomenologia denominada como “Fenomenologia Material dos Valores”. Sua metodologia apresentava um forte elemento empírico e existencial, e como Heidegger, também dialogou seu lugar na fenomenologia com a existência humana. Scheler desenvolveu uma antropologia filosófica que aborda o homem como um ser espiritual e, conseqüentemente, existencial. Ao falar de espírito enquanto algo que é pura atualidade, só existindo na medida em que se realiza, Scheler (2003) ressalta em sua visão de homem a qualidade humana de dirigir e orientar seu aspecto pulsional. O caráter espiritual se representa como a vontade humana que norteia o impulso anímico que move o homem, caracterizando a pessoa espiritual como o ser emergente no desdobramento de suas atualidades, capaz de reconfigurar sua própria realidade. Sendo o espírito ato puro, só existindo na medida em que se realiza, a pessoa espiritual encontra-se, nesta perspectiva, como o elemento organizador dos atos espirituais. Novamente, o caráter presente do “aqui e agora”, enquanto a condição de possibilidade do espírito, que se constitui como puro ato é evidenciado, bem como evidenciou Heidegger, porém, sobre as lentes de outro lugar na fenomenologia e de outro olhar antropológico.

Martin Buber (2010) foi dos mais importantes pensadores do encontro existencial e da relação inter-humana por uma ótica fenomenológica. Inspirado pela tradição oriental e pela mística judaica. Inseriu a ideia da dialógica e da relação Eu-Tu como fundamento essencial para o genuíno momento da investigação fenomenológica., ressaltando a relação e o vivido. A experiência de permissividade a alteridade do Tu que se relaciona

com o Eu, numa postura de “deixar ser”, de disponibilidade e reciprocidade. A pessoa encontraria-se de forma autêntica por meio de uma afetação mútua com o Tu. A palavra-princípio Eu-Tu representaria o modo existencial da intencionalidade, que marcaria a relação original de todo ser humano com o mundo. Implicando no compartilhamento de sentidos entre duas alteridades, o Eu se constituiria a partir do Tu. A condição da existência de tudo seria, para a dialógica buberiana, a própria relação (Fonseca, 1998; Buber, 2010).

Mas, contudo, como se pode conhecer a existência? Como acessar essa dimensão instantânea, imediata, momentânea e misteriosa? Como analisar aquilo que é vivido, que não se mede, quantifica, manipula, objetiva-se e explica-se? A Fenomenologia surge, então, como uma resposta ao positivismo teórico e objetivista e à todas as suas limitações em abordar o conhecimento que é próprio do homem: o conhecimento da “presença” (*ser-ai*), de sua existência, seu caráter eminentemente humano. Joseph Zinker (2007) afirmou com sabedoria que a Fenomenologia é o método que traduz a existência, constituindo-se como a linguagem do existir e a forma de acesso ao sentido da experiência imediata do fundamento humano.

As influências de tal proposta filosófica inspiraram várias áreas de conhecimento enquanto uma metodologia inovadora de captação do conhecimento, passando a entender o homem como um ser que escapa a toda objetivação, teorização ou racionalização, sendo apenas possível abordá-lo inteiramente de forma vivencial, convidando-o e provocando-o em uma relação dialógica, de experiência de si e do outro, enquanto um compartilhamento de valores e sentidos simultâneos (Fonseca, 1998).

Na Psicologia, como também na Psiquiatria, a fenomenologia teve grandes influências em muitos pensadores, configurando uma linha psicoterápica que passou a ser comumente chamada de “psicoterapia existencial”, “abordagens fenomenológico-existenciais” ou mesmo a “terceira força psicológica”, marcando diferenças fundamentais sobre as outras escolas psicoterápicas da época, sobre tudo no modo de atuação, na medida em que, em terapia, passou-se a priorizar a vivência que o paciente tem de si mesmo e de seu sofrimento, enquanto ele se mostra no “aqui e agora” do momento terapêutico, e os significados que ele próprio desvela em relação a isso, em detrimento de análises diagnósticas prévias, teorizações ou mesmo interpretações explicativas do psicoterapeuta a respeito do paciente. Diferenciando-se das terapias tradicionais do século XX, segundo Zinker (2007), o método fenomenológico em psicoterapia se interessa, de diversos modos, pelo caráter ontológico do homem, bem como por sua condição singular, única, mundana, relacional e sem o amparo de qualquer essência preconcebida.

Deixando de lado a questão da interpretação, o ponto significativo é que sou o único autor de minhas experiências... Ninguém me leva a fazer o que faço, ninguém mais pode ser considerado responsável pelo meu comportamento. A visão da filosofia existencial salienta enfaticamente esse ponto... A fenomenologia é o método básico usado pelo filósofo existencial... Uma linguagem aplicada para se compreender a condição humana e suas aflições, assim como a matemática é uma linguagem utilizada para se compreender o mundo físico (Zinker, 2007, pag. 102).

Alguns autores utilizam a denominação de “interpretação compreensiva” para tal metodologia, com o intuito de diferenciá-la da “interpretação explicativa” do método analítico positivo: a pessoa em terapia passa a se interpretar, vivenciando a si mesma, seus sentimentos, valores e sentidos,

empaticamente com o terapeuta, experienciando-se como ator, como agente responsável, atualizador e configurador de si mesmo (Fonseca, 1998). Portanto, tal método compreende o homem enquanto fenômeno que age e se expressa, necessariamente, de alguma maneira, consciente livre e responsável. Como um ser que existe concretamente, em um fluxo constante acontecer, ser-ai. O “aqui e agora” na psicoterapia, portanto, não acontece no vácuo, mas sim, é criado em um momento onde um Eu e um Tu se encontram, no qual cliente e terapeuta aparecem como co-autores e co-participantes do processo, desdobrando juntos um momento existencial único e irrepetível. E todo o fundamento fenomenológico-existencial constitui-se como a base para a sustentação de uma teoria que pretende focar uma prática em tal “aqui e agora” e desdobrar o sentido que desvela-se em cada situação concreta.

LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Oriundo de Viena, Médico, psiquiatra e neurologista, sobrevivente de quatro campos de concentração no período da segunda guerra mundial, Viktor Emil Frankl é conhecido como o pai da Logoterapia e o principal nome da abordagem em todo o mundo. Nascido em Viena, no ano de 1905, deu início a sua trajetória acadêmica dedicando-se a estudos em psicanálise e posteriormente aproximando-se da perspectiva adleriana da Psicologia Individual. (Gomes, 1992) A aproximação dura alguns anos, mas logo Frankl também se afasta do pensamento adleriano e seus estudos vão ao encontro, então, da fenomenologia e todas as suas inclinações para o interesse na existência, devido, principalmente, às ideias de Max Scheler, bem como toda a gama de pensadores das tradições fenomenológicas e existencialistas.

No período de 1942 à 1945, Frankl atravessa um dos momentos mais trágico de sua

vida, tornando-se prisioneiro em campos de concentração nazistas. Na referida experiência, o autor, já com um manuscrito do que seria as ideias da teoria logoterápica, dar-se conta do quanto o homem apresenta uma sede por sentido, por um significação na vida e uma motivação em cada momento da existência. Após sua sofrida experiência com o holocausto nazista, Frankl passa, então, a sistematizar e a difundir a logoterapia por todo o mundo (Frankl, 2008).

Logoterapia, do grego *logos*, que pode significar sentido ou o elemento espiritual humano, é, portanto, a terapia do sentido, ou mesmo, a terapia direcionada ao espírito (Frankl, 2012). É a abordagem psicoterápica que visa o encontro de sentido de cada momento único e singular da vida e seu posterior desdobramento, por meio de um encontro existencial autêntico entre terapeuta e cliente. Orientado para o *logos* presente na urgência de cada momento experienciado na relação dialógica, a abordagem se norteia por meio de uma postura fenomenológica e existencial.

Em paralelo com a logoterapia, Frankl faz o que chamou de análise existencial: um momento dirigido à existência e a vivência concreta da pessoa, não confundindo com uma análise objetiva do homem. Ressaltando que é na dimensão existencial que o homem é plenamente humano, e que esta só é passível de ser vivenciada, experienciada e nunca objetivada (Frankl, 1989). Frankl compreende que é voltando-se para o homem enquanto responsável por seu próprio projeto existencial, apresentando-se como um “sendo” no mundo e nas relações que são intrínsecas a sua qualidade de ser-no-mundo, bem como afirmou Heidegger (2009), que o homem se capacita a responder a vida e se abrir para o sentido.

Quando se fala em análise existencial, aponta-se para a pesquisa psicológica e antropológica que embasa o método logoterapêutico

e que abre possibilidades do cliente experienciar-se como responsável para com sua própria existência, orientando-se para os sentidos inerentes e urgentes, que se presentificam em cada momento concreto (Frankl, 1989).

Nesse sentido a análise existencial é a tentativa de uma antropologia psicoterapêutica, de uma antropologia anterior a toda psicoterapia, não apenas à logoterapia...” a análise existencial “ não é apenas um complemento à psicoterapia, não, ela é a sua base espiritual imprescindível” (Frankl, 2012, p.57).

A logoterapia e a análise existencial atuam, portanto, em conjunto a fim de, na medida em que, o cliente vive existencialmente seus sentimentos, emoções e valores como consciente de si e responsável por si, capacita-se a se orientar para o encontro de sentido, do *logos* de cada situação concreta na qual ele se vivencia e se reconfigura constantemente. O encontro de sentido passa a ser uma busca com a participação mútua do cliente e de seu terapeuta, em uma relação autêntica e criativa. (Frankl, 1989).

Não cabe ao homem indagar o sentido de sua vida. Ele deveria considerar-se como alguém que é inquerido. É a própria vida que lhe faz a pergunta e ele tem que responder, responsabilizando-se por ela. Com efeito, a análise existencial vê na responsabilidade o sentido da existência humana, a essência da existência. (Frankl, 1976, p. 53)

Para compreender a logoterapia e a análise existencial, é fundamental conhecer os pressupostos epistemológicos de seus aspectos metodológicos e teóricos, bem como sua visão antropológica e ontológica. Será exatamente sobre tais temáticas que os capítulos seguintes irão se debruçar.

ANTROPOLOGIA DA LOGOTERAPIA

Frankl (2011) parte do posicionamento de que toda psicoterapia, direta ou indiretamente,

edifica-se sobre uma filosofia de vida e uma visão antropológica para sustentar o método proposto e validar seus embasamentos teóricos. A respeito de tal ideia, lembremo-nos das palavras de Nietzsche:

Não existe, a rigor, uma ciência “sem pressupostos”, o pensamento de uma tal ciência é impensável, paralogico: deve haver antes uma filosofia, uma “fê”, para que a ciência dela extraia uma direção, um sentido, um limite, um método, um direito a existência” (Nietzsche, 2009, p. 130).

Para a construção de tal abordagem em psicologia e em psicoterapia, Frankl (2011) esforçou-se em elaborar e explicitar uma antropologia, uma filosofia e uma ontologia que embasasse e norteasse sua prática e sua pesquisa psicológica.

Oriundo de uma formação médica, posteriormente, encontrando novos horizontes através do campo filosófico e psicológico, Frankl parte fundamentalmente da antropologia filosófica proposta por Max Scheler (2003) para edificar a visão de homem que embasa o método logoterápico e a análise existencial. Porém, seu pensamento não se limita somente a uma mera reprodução e aplicação das ideias de Scheler à psicologia, pois influenciado também por outros autores importantes como Martin Heidegger (1989), Martin Buber (2010), Nicolai Hartmann (1975) entre outros, o pai da Logoterapia tem o mérito de produzir uma visão de homem própria inspirada no método fenomenológico e na filosofia existencialista para a construção de um pensamento genuinamente psicológico.

ESPÍRITO HUMANO NA ONTOLOGIA FRANKLIANA

Max Scheler (2003) afirma que existem duas dimensões ontológicas que constituem o homem: a dimensão anímica e a dimensão espiritual. O

conteúdo anímico seria referente a toda condição natural, no sentido vital, presente na constituição do ser humano. Enquanto ser vivo, estão presentes no homem, bem como em todos os outros animais, as quatro formas essenciais da vida, que Scheler elenca da seguinte forma: o impulso afetivo, uma força expressiva primária, na qual pulsão e instinto ainda não se diferenciam; o instinto, série de comportamentos adaptativos que estão a serviço da espécie; a memória associativa, fundamento de toda a cultura e dos condicionamentos mais sofisticados e a inteligência prática, a ação intuitiva primária. Estas quatro formas da vida seriam presentes em toda dimensão natural (Scheler, 2003).

Porém, um ser se diferencia de todos os demais por apresentar algo que o filósofo chama de espírito, este ser seria o próprio homem. A dimensão espiritual representa a parte humana capaz de afastar-se de toda sua condição anímica, natural, determinada por instintos e pulsões. O homem é capaz de se autodistanciar da natureza e tomá-la objeto, podendo objetivar, inclusive, sua própria condição natural. Esse ser capaz de se diferenciar de sua sina anímica, tornou-se, então, o grande criador, criando e recriando a si mesmo ao longo dos tempos. (Scheler, 2003)

Mas do que consiste, afinal, esse tal espírito? Como abordado anteriormente, Scheler (2003) fala que o espírito é pura atualidade, só existindo enquanto ação presente, enquanto ato. A pessoa, o ser espiritual, seria a organização desses atos, que só existe na medida em que realiza a si mesmo.

O espírito é o único ser que é por si incapaz de ser objetivado - ele é pura atualidade, só tem seu ser na livre realização de seus atos. O centro do espírito, a pessoa, não é, portanto, nem um ser objetivo, nem um ser coisificado, mas apenas uma estrutura ordenadora de atos que leva a tempo constantemente a si mesma. A pessoa só é em seus atos e através deles... algo anímico não realiza a si mesmo: ele é uma série de

acontecimentos no tempo... tudo o que é anímico é passível de objetivação - mas não o ato espiritual... Nós só podemos nos reunir ao ser da nossa pessoa, nos concentrar em sua direção - mas não podemos objetivá-lo. Como pessoas não podemos objetivar nem mesmo as outras pessoas (Scheler, 2003, p. 45).

Apresentando-se como o ser capaz de centralizar a si mesmo e, portanto, adquirir consciência não só do meio e do mundo, mas também capaz de uma autoconsciência, o homem é, portanto, o único ser que tem mundo, pois não se limita a um único meio, não está inteiramente preso a uma cadeia de determinantes causais de estímulos e instintos que o determinam, uma vez que sua dimensão espiritual transcende a todos seus determinantes. A dimensão anímica é o motor que move o homem, seus instintos e pulsões, sua força, que é conduzida, guiada, orientada pela vontade espiritual. A dimensão espiritual é a dimensão existencial por excelência, constituindo-se sempre em relação entrelaçada com o mundo, ela é, portanto, a resposta do homem ao seu Tu, bem como disse Buber (2010, p. 75): *“O espírito não está no Eu, mas entre o Eu e o Tu. Ele não é comparável ao sangue que circula em ti mas ao ar que respiras”*.

Ex-sistir significa sair de si e se apresentar ante si mesmo, uma dinâmica na qual o homem sai do plano corpóreo-psíquico e chega a si mesmo atravessando o espaço do espiritual. A ex-sistencia acontece no espírito. E o homem se apresenta diante e si, na medida em que ele se apresenta como pessoa espiritual diante de si mesmo como organismo psicofísico (Frankl, 2012, p.59).

Inspirado pelo pensamento de Husserl (2008) e Scheler (2003), Nicolai Hartmann (1975) compreende um ser humano composto por camadas: a somática (camada orgânica), a psicológica (camada pulsional) e a noológica (do grego *nous* que significa espírito, esta seria a camada espiritual) na qual esta abrangeria aquelas, de modo que quanto mais elevada a camada, mais inclusiva

seria ela. Hartmann entende que exista uma limitação a liberdade do homem, um condicionamento somático e psíquico em todo o ser humano, mas que, apesar destes determinantes, o homem é livre, havendo, portanto, uma liberdade espiritual apesar do determinismo anímico.

Frankl (2008), norteado pelo pensamento hartmaniano, afirma que os determinantes da condição humana seriam como o solo sobre o qual o homem impulsionaria seu voo para a liberdade. Toda liberdade assumida em Logoterapia é uma liberdade “para algo” e não “de algo”. É uma liberdade diante dos determinantes, sempre em relação, pois o ser livre só existe em relação a algo que tenta determiná-lo. (Frankl, 1989).

A existência é um modo de ser, e, em verdade, o ser humano, o ser que é especificamente próprio ao homem, o ser cujo modo de ser consiste no fato de que o que está em questão no homem não é um ser fático, mas um ser facultativo, não um precisar-ser-dessa-ver-de-tal-modo-e-não-de-outro que é o modo como o homem neurótico compreende mal o seu ser-de-tal-modo, mas muito mais um sempre-poder-vi-a-ser-de-outro-modo (Frankl, 2012, p.59).

É por meio da proposta antropológica exposta até então, que Frankl justifica sua escolha em eleger o fator espiritual como foco de atuação da Logoterapia. Pois é a dimensão noética onde se apresenta a força de escolha e de decisão do homem sobre si mesmo. É a partir desta dimensão que o ser humano se mostra em sua totalidade, espiritual e existencial.

Assumindo as considerações de Scheler (2003) e Hartmann (1975) a respeito do caráter espiritual e das três camadas humanas, para Viktor Frankl o homem é composto por três dimensões fundamentais: a dimensão somática, que seria o homem biológico; a dimensão psicológica, que seria o homem dos desejos inconscientes, das pulsões e dos condicionamentos e, por fim, a dimensão

noética, aquela que representa o espírito humano e sua vontade livre diante dos determinantes sociais, biológicos e psicológicos. Cada dimensão está intimamente relacionada uma com a outra, sendo a dimensão espiritual a mais abrangente. Seria impossível abordá-la sem se considerar as demais. Ao se falar em um ser espiritual, em Logoterapia, deve-se, obrigatoriamente, considerar as dimensões somática e psicológica, compreendendo o homem como uma totalidade significativa irreduzível. Esta perspectiva dimensional do homem, Frankl nomeará de “Ontologia Dimensional”, podendo o homem, nela, ser tomado por diferentes aspectos de suas características somáticas e psíquicas, mas só sendo inteiramente integrado em seu elemento espiritual (Frankl, 2012).

SER-CONSCIENTE E SER-RESPONSÁVEL

Frankl afirma que o homem integra-se em um binômio: ser-consciente e ser-responsável, marcado por uma realidade existencial inevitável: a liberdade. A idéia de espírito em Logoterapia traz consigo todos os pressupostos schelerianos e hartmanianos abordados anteriormente, que desembocam em relação, em escolha e em ação. Frankl ressalta que antes de ser responsável e consciente, o ser humano constitui em relação e na relação (Frankl, 1989). O homem é sempre entrelaçado por teias relacionais que o compõem enquanto ser humano, a relação é fundamento para tudo. Tal pressuposto sofre inspirações diretas da idéia de intencionalidade de Brentano, em que consciência e mundo são co-originários, apontando para uma metodologia que enfoca o agir e o relacionar. Invertendo a lógica passiva que aprisionaria a humanidade à uma visão causal da existência, o pai da Logoterapia questiona aqueles que se perguntam sobre o que mais a vida tem para lhes oferecer, enfatizando que o homem não é aquele que questiona a vida, mas sim, aquele que deve dar as respostas às questões lançadas por ela.

Essa seria a origem ontológica do ser-responsável, o ser que responde a mundo em cada momento vivido (Frankl, 1989; Frankl 2012).

O conceito de responsabilidade precisa ser recambiado, do campo da ética especializada, de um “deve” que flutua livremente no ar, para o domínio da vida vivida... Responder a que? Responder ao que nos acontece, que nos é dado ver, ouvir, sentir. Cada hora concreta, com seu conteúdo do mundo e do destino, designada a cada pessoa, é linguagem para a atenção despertada... Essa linguagem não possui alfabeto, cada um de seus sons é uma nova criação e só como tal pode ser captada (Buber, 1982, p.49).

Portanto, nessa perspectiva, o homem é marcado por uma dialógica originária (Buber, 2010). Ele é o ser capaz de escapar das determinações pulsionais e mundanas, para transcender o *habitat* e direcionar-se ao mundo. Porém, vivendo especificamente orientado para o sentido, sendo o único ser capaz de interpretar as perguntas da vida e respondê-la com atos espirituais. O mundo, nessa ótica, não é mais um estranho causador de efeitos no bicho homem, produtor de sua “essência”, responsável pelo suposto absurdo da vida humana, coberta de dúvidas, ser ter sem sentido algum, mas um Tu que se relaciona intrinsecamente com a pessoa espiritual, que a constitui originariamente e que dialoga com ela como uma alteridade relacional (Frankl, 2012; Buber, 2008).

Mas se o mundo surge como uma alteridade relacional, então, como responder a ele? Nunca pela reflexão, somente pela ação, na atualização dos atos espirituais, nos atos vividos. A existência, segundo Frankl, só pode ser acessada de modo vivencial, inconsciente, ou melhor, pré-reflexivamente (Frankl, 2012). Nesse sentido, consciência e responsabilidade coexistem de forma complementar e inseparável, pois em todo ato espiritual, portanto em toda resposta do ser-responsável, em toda vivência, há, necessariamente, consciência, existe o ser-consciente. Como ressaltou Frankl (1989), a

existência só é passível de ser acessada em uma “realidade de execução”. A ação, nesse sentido, é um fenômeno cognitivo, bem como a reflexão também o é. O responder, neste sentido, é vivência, é pura cognição, é sempre consciência (Fonseca, 2000). Mais uma vez as palavras de Nietzsche (2010) se fazem valiosas: *Não existe “ser” por traz do fazer, do atuar, do devir; “o agente” é uma ficção acrescentada à ação – a ação é tudo (p. 33)*. Nessa perspectiva, ser-responsável, significa agir, responder por meio da palavra princípio Eu-Tu, através da relação dialógica de vivencia no mundo, e esse agir, esse ato de responder, por sua especificidade, é pura consciência pré-reflexiva, intuitiva, conhecimento vivenciado na imersão da ação enquanto possibilidade em desdobramento (Fonseca, 1998). É por esse motivo que o ser-consciente e o ser-responsável constituem-se como um binômio inseparável, coexistente no fluxo do devir da presença humana (Frankl 1989).

NOODINÂMICA, A DINÂMICA DO ESPÍRITO E A AUTOTRASCENDÊNCIA HUMANA

A Logoterapia é conhecida por defender o sentido da vida, o sentido de cada momento concreto em cada situação concreta. Mas afinal, o que significa sentido para a terapia do *logos*?

Ao lançar os fundamentos que sustentam a Logoterapia, Frankl (2011) afirma que a mesma é edificada por três pilares: a liberdade da vontade humana, a vontade de sentido e o sentido da vida. Tais concepções promovem, de antemão, sua visão de homem e de mundo, compreendendo um ser humano de liberdade, que demanda por sentido, e acredita que a vida é plena de sentidos.

Sentido é entendido como a motivação primária da existência, não seria algo metafísico ou abstrato, mas sim, puramente concreto, presente em cada momento experienciado, direcionado a cada pessoa que se relaciona com a possibilidade que emerge no momento vivido. (Moreira & Holanda,

2010; Frankl, 2008; Fonseca, 2000). Frankl comprova em suas experiências nos campos de concentração que a vida é plena de sentidos concretos a cada momento e mais: descobre que todo ser humano é sedento por sentido. O sentido é o motor da existência, ou melhor, aquele que atrai o existir e se desdobra experiencialmente.

Para tanto, Frankl (2008) entende que o homem está em uma tensão entre o “ser” e o “dever-ser”, no ponto médio da relação do que é e do que pode ser. Esta é tensão existencial, a tensão saudável que o homem busca no seu dia a dia. Essa forma de operar, o autor chamou de *noodinâmica* (do grego *noos* que significa espírito), a dinâmica do espírito. O que o Frankl quer dizer com tal conceito é que o homem é, a todo o instante, um “poder-ser”, possibilidade. O ser espiritual, existencial, como vimos anteriormente, opera numa realidade de execução, no “aqui e agora” do presente. Ele é pura atualidade, como ressaltou Scheler (2003), ou seja, é possibilidade em desdobramento.

Sentido constitui-se, então, como o desdobramento de possibilidades enquanto ação, consciência pré-reflexiva, vivência de valores por meio de atos noéticos. Para exemplificar sua explicação sobre o sentido, Frankl (2008) afirma que a percepção de sentido é como uma percepção gestaltica, porém, ao invés de perceber uma figura diante de um fundo, na apreensão do sentido, a pessoa percebe uma possibilidade diante de um plano de fundo de realidade. A apreensão de sentido é eminentemente uma vivência, uma experiência relacional entre homem e mundo, nunca uma reflexão, construção ou teorização sobre algo.

Voltando para o pressuposto antropológico de Frankl, o ser humano apresenta a qualidade de sempre está direcionado para o mundo, para algo ou para alguém, e só então, ser capaz de se realizar. Tal característica, Frankl chama de “autotrascendência”:

que implica em estar sempre relacionado e direcionado a algo além de si mesmo, a capacidade mais humana presente no homem (Frankl, 2008). Teorizando que o homem é um ser espiritual que existe sempre em relação com o mundo, constituindo-se como algo eminentemente relacional, como uma possibilidade que se desdobra, Frankl (1989) acredita que o sentido não é criado pelo homem, mas também não acontece sem ele. Nas palavras de Martim Buber (2010), é como surfar uma onda, experienciar em ato co-participativo com o mundo, na celebração e na afirmação da vida.

Ao falar sobre sentido da vida, é importante esclarecer que a crença da Logoterapia não é que exista um sentido único para a vida de uma pessoa singular, mas que cada momento vivido é pleno de sentidos únicos, que cada situação apresenta uma urgência, uma série de possibilidades que atingem uma dominância, uma forma a ser “gestaltificada”, percebida e desdobrada por cada pessoa, e que tal realização é motivadora, criadora e recriadora da realidade de cada pessoa (Frankl, 2008; Fonseca, 1989).

Questionar se existe um sentido único para a vida seria, como Frankl (2011) explica, o mesmo que perguntar a um jogador de xadrez pela jogada perfeita para todas as partidas. Cada jogo necessita da jogada específica de cada problema que surge durante o desenrolar do próprio jogo, assim é o sentido de cada momento vivido. O homem não é entendido, em Logoterapia, como o questionador do sentido da vida, mas como aquele é questionado e que responde a vida por meio de atos plenos de sentido, a cada instante.

O sentido é relativo na medida em que se relaciona a uma pessoa específica, que está enredada numa situação específica. Pode-se dizer que o sentido difere, primeiramente, de homem para homem e, depois, de dia para dia e, de fato,

até de hora para hora... De fato, eu prefiro falar da unicidade do sentido – mais do que da relatividade – do sentido. Esse caráter de algo único é uma característica não só de uma situação, mas da própria vida como um todo, já que está se apresenta como uma série de situações únicas (Frankl, 2011, p.72).

VALORES ENQUANTO SENTIDOS ÚNICOS

Em uma posição fundamental na visão filosófica de Frankl (1989) estão os valores. Para Logoterapia, todo desdobramento de sentido é valorativo, é a realização de um valor. Valores são entendidos como agrupamentos de sentidos realizados em uma escala hierárquica, em um determinado período no tempo e no espaço, por um grupo de pessoas específico. Ou seja, quando no desdobramento da possibilidade, se vivencia o sentido, após a realização do mesmo, este se torna valor, um sentido metafísico, que orienta cada ser humano na existência, que é passível de ser experienciado a qualquer momento (Frankl, 2011). Bem como assina-la Frankl (2011): “*O sentido único de hoje, é o valor universal de amanhã.*” (p.82).

Para Max Scheler (2003) valores não são criações do homem por si só, mas sim, uma co-produção e uma co-realização dialética de essências junto ao logos eterno de criação e atualização do homem como ação histórica e temporal, única e específica, passíveis de serem percebidos e vivenciados concretamente por cada ser espiritual. Enquanto universais de sentido, nessa perspectiva, a vida é, a todo o momento, plena de valores, logo, plena de sentido. É como afirma Scheler (2003): [...] *As ideias não são “antes”, não são “em” e não são “depois” das coisas, mas juntamente com elas: as ideais só são geradas no ato da constante concretização do mundo no espírito eterno* (p.46). Mais uma vez ressalta-se a qualidade dialógica da existência humana com o mundo.

Para Frankl, os valores norteiam e compõem o homem. O homem é valor, que se constitui e se leva à prova constantemente em cada ação realizada, em cada possibilidade desdobrada, em cada sentido desvelado, ele se valora (Frankl, 2011; Kretschmer, 1990).

Abordar o ser humano em Logoterapia significa, necessariamente, voltar-se para os valores do cliente, a fim de investigá-los fenomenologicamente, de modo experiencial, no qual, por meio da investigação de tais valores, possa se promover a vivência de sentidos em cada momento em terapia.

Portanto, a visão antropológica da logoterapia é de um ser biopsicossocio-espiritual, que existe em constante relação com o mundo. Sendo um ser livre, responsável e consciente de si, esse ser espiritual só é conhecido de forma experiencial fenomenológica, impossível de objetivação. Operando em uma realidade de ação, o ser humano espiritual é movido por valores e sentidos, que o constituem e o integram constantemente (Frankl 1989; 2008; 2011).

FENOMENOLOGIA ENQUANTO MÉTODO PARA LOGOTERAPIA

Por meio de um método fenomenológico e experiencial, a Logoterapia constitui-se como uma psicoterapia genuinamente fenomenológica, que propõe explorar o ser humano e seus valores experiencialmente e, portanto, dialogicamente, a fim de vivenciar valores, norteando-se pelo *logos*, de forma co-participativa, cliente e terapeuta.

No campo da Análise Existencial, a terapia se volta para o cliente a fim de afirmá-lo como ser responsável e atuante, possibilitando a vivência de si mesmo como ator, como agente que responde a vida. No campo da Logoterapia, é a partir da vivência de si mesmo como ser responsável, que o

cliente se abre para o sentido. Como ser responsável, cada ação é uma resposta. Ora, o que é sentido, se não uma ação pré-reflexiva plena de sentido, uma possibilidade que se desdobra, uma *gestalt* que emerge do real e configura uma forma no possível, como uma força que ergue e afirma a vida.

A atuação logoterápica mostra-se eminentemente fenomenológica e existencial, uma vez que seu método promove uma postura de manter-se aberto aos conteúdos que venham a surgir para o cliente, deixando o terapeuta disponível ao diálogo genuíno, sem conceituações prévias, seguida de uma postura não analítica e não explicativa. A atuação promove também a ênfase em uma consciência empírica e vivida, que se dá de modo relacional por meio de encontro de duas alteridades, promovendo um ambiente acolhedor e seguro no qual o cliente se permite experimentar os conteúdos que surgem nas vivências imediatas, por meio do encontro dialógico com seu terapeuta, explorando valores e desdobrando sentidos (Frankl, 2012). É importante ressaltar que o norte do encontro logoterapêutico é o sentido. A Abordagem não se constitui como uma mera proposta de encontro e promoção de experiências. Enquanto uma relação dialógica e autêntica, na etimologia da palavra, *dialogos*, significa compartilhar sentidos, portanto, todo encontro existencial é orientado para o sentido. É, necessariamente, uma relação que tem o *logos* como meta, no qual a vivência se configura como sentido (Fonseca, 1998).

Frankl (2011) não tinha a pretensão de delimitar e protocolar a forma de abordar as pessoas em logoterapia, sua intenção era expor seus fundamentos e esclarecer sua proposta antropológica e metodológica, estimulando cada logoterapeuta a disponibilizar-se à relação, à experiência de valores do cliente e ao diálogo genuíno orientado ao sentido, nessa ótica lembremos-nos de suas palavras: *“Eu desejo, sim, que, no futuro, a logoterapia seja*

levada adiante por espíritos independentes e criativos” (Frankl, 2011, p. 196.) A intenção de Viktor Frankl (2011) era convidar e provocar a psicologia e a psicoterapia a reinventar-se como uma ciência do espírito, como uma forma de abordar e contemplar o homem em toda a sua humanidade e possibilidades de ser. Surgindo com uma missão para os estudiosos do sentido, resgatar o legado do pai da logoterapia e compreender sua fundamentação, com o intuito de produzir uma psicoterapia inovadora, criativa e autêntica.

CONCLUSÃO

Concluindo-se, o artigo contemplou a perspectiva antropológica e metodológica da logoterapia enquanto uma psicoterapia genuinamente fenomenológica, passeando por conceitos fundamentais e bases epistemológicas essenciais para se compreender devidamente a proposta logoterápica. Sua particularidade filosófica e antropológica, que se apresenta desde sua proposta terapêutica de resgatar o elemento espiritual na Psicologia, por meio da explicitação de sua visão de homem e suas filosofias de base, justifica-se através dos pilares edificantes de sua abordagem psicológica. Tais fundamentos foram devidamente explorados, relacionando conceitos-chaves com suas raízes fenomenológicas e existenciais, clarificando o solo epistemológico no qual a proposta franklina se firma. Reconhece-se o lugar da logoterapia enquanto uma forma psicoterápica existencial, solidamente fundamentada em um método, uma antropologia e uma filosofia, enraizados eminentemente na proposta fenomenológica e existencial, sendo um marco diferenciado em todas as outras abordagens da terceira via que sofreram com críticas a seus fundamentos e a sua organização epistemológica. A compreensão de tais fundamentos demonstram-se imprescindíveis para o profundo entendimento do sentido da perspectiva logoterápica e para criar condições de possibilidades de se repensar e

reconfigurar a abordagem, levando a logoterapia adiante de forma criativa e responsável, bem como o

Frankl desejou.

REFERÊNCIAS

- Brentano, F. (1973). *Psychology from an Empirical Standpoint*. Trans. Antos C. Rancuerllo, D. B. Terrell, and Linda L. McAlister. London: Routledge & Kern Paul.
- Buber, M. (2010) *Eu e tu*, São Paulo, SP: Ed. Centauro
- Buber, M. (1982) *Do diálogo e do dialógico*, Ed. Perspectiva S.A.: São Paulo, SP.
- Dastur, F.(1989) *Réduction et Intersubjectivité in Husserl*, Collectif sous La direction de Eliane Escoubas et Marc Richir, Grenoble, J. Milon
- Fonseca, A. H. L, (1998). *Interpretação Fenomenológico-Existencial: Sobre o Sentido do Interpretativo na Concepção e Método da Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico-Existencial*, Maceió, AL: Pendag.
- Fonseca, A. H. L, (2000). *Perspectivações acerca da experimentação fenomenológico existencial ii: A experimentação psicológica e o experimental na tradição da psicologia fenomenológica de Brentano*. Maceió, AL: Pendag
- Fonseca, A. H. L, (2006). *Para uma historia da psicologia e da psicoterapia fenomenológico existencial- dita humanista*, Coleção Beija Flor, Maceió: AL: Pedang.
- Frankl, V. E, (1989). *Psicoterapia e sentido da vida: Fundamentos de logoterapia e análise existencial*, 3ª Ed., São Paulo, SP: Ed. Quadrante.
- Frankl, V. & Col., (1992). *Dar sentido a vida: A logoterapia de Viktor Frankl*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Frankl. V. E, (2005). *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*. São Paulo: Ed. Ideias E Letras.
- Frankl. V. E, (2011). *A Vontade de Sentido: Fundamentos e Aplicações da Logoterapia*. São Paulo, SP: Ed. Paulus.
- Frankl. V. E, (2012). *Logoterapia e Análise Existencial: Textos de seis décadas*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Forense Universitária.
- Hartmann, N. (1975). *New Ways of Ontology*. Westport, Connecticut: Ed. Greenwood.
- Heidegger, M. (2009). *Ser e Tempo*. Petrópolis, São Paulo: Ed.Vozes.
- Husserl, E. (2008). *A Ideia da Fenomenologia*. São Paulo, SP: Ed. 70.
- Moreira, N.; H. A. (2010), Logoterapia E O Sentido Do Sofrimento: Convergências Nas Dimensões Espiritual E Religiosa, *Revista Psico*, 15, 3, p. 345-356
- Nietzsche, F. (2010). *Genealogia da Moral*. São Paulo, SP: Ed. Companhia de Bolso.
- Penna, A. G. (2000). *Introdução a Epistemologia*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Imago.
- Pereira, I. S. (2007). A Vontade de Sentido na Obra de Viktor Frankl. *Psicologia USP*, 18, 125-136.
- Scheler, F. M. (2003). *A posição do homem no cosmos*, Rio de Janeiro, RJ: .Ed. Forense Universitária.
- Stein, E.(2008) *Seis estudos sobre Ser e Tempo*. Petrópolis, SP: Ed. Vozes.

Zinker, J. (2007). *Processo criativo em Gestalt-Terapia*. São Paulo, SP: Ed. Summus.

Enviado em: 07/02/2013

Aceito em: 02/04/2013

SOBRE O AUTOR

Valdir Barbosa Lima Neto. Psicólogo formado pela Universidade Federal do Ceará, membro da Associação Latino-americana de Estudos de Psicologia Humanística Existencial (ALEPH) e da Associação Peruana de Análise Existencial e Logoterapia. E-mail: valdirbarbosaneto@hotmail.com